

A AVALIAÇÃO CONTEXTUALIZADA E PARTICIPATIVA EM GEOGRAFIA

META

Apresentar as diferentes possibilidades de avaliação em geografia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os fundamentos da avaliação contextualizada no ensino fundamental e médio;
analisar práticas de avaliação dos conteúdos trabalhados na disciplina;

PRÉ-REQUISITOS

Aulas anteriores da disciplina

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), nesta aula, discutiremos o papel da avaliação no processo de ensino – aprendizagem como caráter fundamental na constituição das boas práticas pedagógicas. Apresentamos também uma discussão sobre formas e estratégias de avaliação inerentes a proposta elencada durante todo o curso de Metodologia do Ensino da Geografia. Entretanto, mais uma vez não optamos por esta ou aquela forma, mas sim, ampliamos a reflexão no sentido de contribuir para a formação de professores conscientes, críticos e justos que sejam capazes de promover grandes mudanças no ensino de geografia. Esperamos que esta aula seja objeto de referência para sua prática cotidiana em sala de aula, mas que você possa aprofundar, acrescentar e criar muitas outras propostas adequadas a sua realidade e a realidade dos seus alunos.

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO

O tema avaliação é historicamente um dos grandes desafios para a educação em geral. Uma vez que sua complexidade passa pela cultura sedimentada da mensuração e abrange um leque de possibilidades que vai do aspecto mercadológico empresarial ao aspecto pedagógico da aprendizagem, da avaliação de procedimentos e competências à avaliação da aprendizagem. Mesmo reconhecendo as dificuldades. Ninguém deve recusar processos avaliativos desde que estejam conduzindo ao desenvolvimento e não seja apenas um processo de controle.

De acordo com nossa vivência durante os vários processos escolares é possível perceber claramente as duas posturas avaliativas que já se tornaram clássicas em qualquer texto sobre avaliação. Correspondem a duas visões de educação que percebem a avaliação de forma diferenciada com concepções e objetivos distintos e que devem corresponder a uma coerência de princípios: a educação tradicional e a educação crítico-transformadora. Cada uma delas pode ser identificada por posicionamentos muito explícitos.

VISÃO TRADICIONAL	VISÃO TRANSFORMADORA
Ação individual e competitiva	Ação coletiva e consensual
Concepção classificatória	Concepção investigativa e reflexiva
Apresenta um fim em si mesmo	Atua como mecanismo de diagnóstico da situação
Postura disciplinadora e diretiva do professor	Postura cooperativa entre professor e aluno
Privilégio à memorização	Privilégio à compreensão
Pressupõe a dependência do aluno.	Incentiva a conquista da autonomia do aluno.

Examinado o quadro é fácil entender que todos os educadores sejam favoráveis a postura crítico-transformadora em uma linha mais progressista, porém é igualmente compreensível as dificuldades práticas da visão crítica progressista, não só pelo enraizamento da cultura de mensuração e controle como pela prática cotidiana de avaliar desempenhos escolares. O controle é inerente a qualquer processo avaliativo que suscite a tomada de decisões sobre a vida de um indivíduo. Ao corpo docente de uma escola são conferidas decisões referentes aos alunos, decisão de promoção, de certificação pelo sistema educacional e isto requer posicionamento claro e correto. O que precisa ser questionado, entretanto, é o conjunto de princípios e valores morais, sociais, educacionais, que fundamentam e orientam tais decisões.

Essas decisões são inerentes ao compromisso profissional de um educador. Caberia a pergunta avaliação é sinônimo de controle? Sim, não resta menor dúvida.

Dizer-se que a prática avaliativa em nossas escolas não é de controle institucional, social, público, é não percebê-la em sua plenitude. Controla-se, via avaliação educacional, a qualidade da ação da sociedade, do poder público, da escola, do professor, do aluno, dos pais.

O que se pode colocar em questão, não é a natureza deste controle, pois todo juízo de valor entre humanos pressupõe a reciprocidade. O que se deve questionar é o benefício ou o prejuízo social que se pode acarretar a partir dos princípios ético-políticos que lhe dão sustentação. O processo de formação é um processo onde estão em jogo valores éticos e julgamento moral, juízos de valor.

O processo de ensinar e de aprender tendo suas próprias dimensões, pressupõe o olhar do outro. A questão maior é perceber que o contexto de aprendizagem explicita a intencionalidade do ato do educador.

Portanto os alicerces da avaliação são os valores construídos por uma escola onde cabe perguntar:

- Que educação pretendemos?
- Que sujeito pretendemos formar?
- O que significa aprender, nesse tempo, nessa escola, para os alunos que acolhemos para o grupo de docente que a constitui?
- Qual a natureza ético-política de nossas decisões?

O que necessariamente gera outras interrogações: que métodos são utilizados para dar forma aos objetivos e conteúdos? Como eles são ensinados? Que metodologias os professores conhecem e que melhor se adaptam aos seus propósitos?

AS DISTINTAS FORMAS DE AVALIAÇÃO

Em toda a literatura de uma forma ou de outra a classificação proposta por Bloom (1993) ainda identifica os tipos de avaliação como sendo a diagnóstica, a formativa e a somativa.

Dentro do campo educacional, a avaliação assume diferentes papéis. A classificação definida por Bloom e seus colaboradores, apresenta a avaliação como sendo:

Formativa: ocorre durante o processo de instrução; inclui todos os conteúdos importantes de uma etapa da instrução; fornece feedback ao aluno do que aprendeu e do que precisa aprender; fornece feedback ao professor, identificando as falhas dos alunos e quais os aspectos da instrução que devem ser modificados; busca o atendimento às diferenças individuais dos alunos e a prescrição de medidas alternativas de recuperação das falhas de aprendizagem.

Somativa: ocorre ao final da instrução com a finalidade de verificar o que o aluno efetivamente aprendeu; inclui conteúdos mais relevantes e os objetivos mais amplos do período de instrução; visa à atribuição de notas; fornece feedback ao aluno (informa-o quanto ao nível de aprendizagem alcançado), se este for o objetivo central da avaliação formativa; presta-se à comparação de resultados obtidos com diferentes alunos, métodos e materiais de ensino.

Diagnóstica: ocorre em dois momentos diferentes: antes e durante o processo de instrução; no primeiro momento, tem por funções: verificar se o aluno possui determinadas habilidades básicas, determinar que objetivos de um curso já foram dominados pelo aluno, agrupar alunos conforme suas características, encaminhar alunos a estratégias e programas alternativos de ensino; no segundo momento, buscar a identificação das causas não pedagógicas dos repetidos fracassos de aprendizagem, promovendo, inclusive quando necessário, o encaminhamento do aluno a outros especialistas (psicólogos, orientadores educacionais, entre outros).

Apesar da classificação acima gerar certa segurança ainda assim nos interrogamos sobre o ato de avaliar, neste sentido texto de Cipriano Luckesi é bastante esclarecedor quando aponta que “o ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico, e um diagnóstico, sem uma decisão é um processo abortado”.

Esse mesmo autor afirma que quando atuamos junto a pessoas, a qualificação e a decisão necessitam ser dialogadas. O ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo. Desse modo, a avaliação qualifica e orienta possibilidades novas e, certamente, mais adequadas, assentadas nos dados do presente (LUCKESI, 2000).

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM GEOGRAFIA

A avaliação no contexto de uma aprendizagem significativa deveria ocorrer no próprio processo de trabalho dos aprendizes, no dia-a-dia da sala de aula, no momento das discussões coletivas, da realização de tarefas em

grupos ou individuais. São nesses momentos que o professor pode perceber se os aprendizes estão ou não se aproximando dos conceitos e habilidades que considera importantes, localizar dificuldades e auxiliar para que elas sejam superadas através de intervenções, questionamentos, complementando informações, buscando novos caminhos que levem à aprendizagem.

Em razão disso, a avaliação nunca deveria ser referida a um único instrumento, nem restrita a um só momento, ou a uma única forma, pois somente um amplo espectro de múltiplos recursos de avaliação pode possibilitar canais adequados para a manifestação de múltiplas competências e de redes de significados, fornecendo condições para que o professor analise, provoque, acione, raciocine, emocione-se e tome decisões e providências junto a cada aprendiz.

A avaliação que se pretende discutir e colocar em prática nas aulas de geografia é contínua e fragmentada, uma vez que incorporar a nova rotina de acompanhar o desenvolvimento do aluno por meio de suas atividades que em geral deve ser a meta do professor que deseja adotar a avaliação com caráter reflexivo e de investigação.

CONCLUSÃO

Na avaliação significativa e transformadora que caracteriza a Pedagogia da Inclusão, é essencial a discussão dos resultados da análise, com o aluno e em benefício do aluno. Desse modo, abandonamos os procedimentos de análise e registro dos resultados e passamos a enfatizar a análise e utilização dos resultados.

Os resultados da avaliação constituem os subsídios para o repensar e para a revisão do planejamento da ação educativa, incluindo desde os recursos didáticos e os procedimentos pedagógicos até os instrumentos de avaliação.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos um tema árduo e necessário ao processo de ensino-aprendizagem. Sem nos deter aos detalhes que envolvem determinadas práticas na sala de aula da geografia, apresentamos estratégias que remetem o professor a uma reflexão ancorada nas bases que foram apresentadas durante esta disciplina. As proposições elencadas a partir da primeira aula deste curso não deixam dúvidas sobre os mecanismos de avaliação que devem ser repensados, sob pena de contradizer tudo que já fora proposto anteriormente.





ATIVIDADES

Embora seja bastante interessante estabelecer uma relação direta entre os conteúdos apresentados e o desenvolvimento de habilidades e competências na avaliação exige um exercício de reflexão contínuo. Escolha um assunto do Ensino Médio, elabore uma proposta de aula que terá como meta de avaliação algumas das habilidades e competências relacionadas com o assunto escolhido.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Este é um excelente exercício para que você possa clarificar suas estratégias didáticas e metodológicas e facilitar nossa compreensão sobre as melhores táticas e recursos para alcançar nossos objetivos.



PRÓXIMA AULA

Nas próximas disciplinas esperamos que a reflexão dos temas abordados aqui contribuam para a construção de uma geografia significativamente transformadora.



AUTOAVALIAÇÃO

Destaque as principais estratégias de avaliação possíveis de serem utilizadas no âmbito da geografia.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, L. de S. Geografia, escola e construção do conhecimento. Campinas: Papirus, 1998.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et. all (org.). Ensino de Geografia, prática e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.
- Luckesi, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.
- RUA, J. et al. Para ensinar geografia. Rio de Janeiro: Acces, 1993.